

O VALE DO AMANHECER E A NOVA COSMOLOGIA

THE 'VALE DO AMANHECER' AND THE NEW COSMOLOGY

Altierrez Sebastião dos Santos¹

Resumo: Esta é uma discussão sobre os NMR, as antigas estruturas e a comunicação simbólica. Os novos movimentos religiosos procuram estabelecer cosmovisões nem sempre entendidas pelas antigas instituições religiosas; a dificuldade que estas possuem em incorporar novos temas em suas pautas gera lacunas que são ocupadas por novas iniciativas. Nosso objetivo é abordar o tema das descobertas cosmológicas, que aboliram a compreensão geocêntrica do Universo, nunca incorporadas pelo cristianismo, mas entendidas como desafio à Igreja oficial enquanto ela se refugiava na interpretação literal ou metafórica da Bíblia. Supomos que essa lacuna ofereceu a diversas novas iniciativas religiosas a possibilidade/necessidade de abordar temas não contemplados pela tradição católica ou protestante, em que pese a narrativa bíblica possuir vasto simbolismo estelar. Entre as iniciativas que trabalham com a dimensão cosmológica da religião, encontra-se o Vale do Amanhecer, movimento messiânico milenarista que pode ser uma das primeiras novas religiões a incluir a nova cosmologia como narrativa mística. Nossas observações ainda não são conclusivas.

Palavras-chave: Novos Movimentos Religiosos; Vale do Amanhecer; Imaginário; Comunicação Simbólica; Cosmologia

Abstract: This is a discussion of the NMR, the old structures and symbolic communication. New religious movements seek to establish worldviews not always understood by the ancient religious institutions; the difficulty they have in incorporating new issues in their agendas generates gaps that are occupied by new initiatives. Our goal is to address the issue of cosmological discoveries, which abolished the geocentric understanding of the Universe, never incorporated by Christianity, but perceived as a challenge to the official Church while she took refuge in the literal or metaphorical interpretation of the Bible. We assume that this gap has offered many new religious initiatives the possibility / need to address issues not covered by the Catholic or Protestant tradition, despite the biblical narrative has vast stellar symbolism. Among the initiatives that work with the cosmological dimension of religion, is the Sunrise Valley, millenarian messianic movement that can be one of the first new religions to include the new cosmology as mystical narrative. Our observations are not yet conclusive.

Keywords: New Religious Movements; Vale do Amanhecer; Imaginary; Symbolic Communication; Cosmology

1 Mestrando em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), bolsista CAPES, altierrezs@gmail.com

Introdução

*É Ele que fixa o número das estrelas,
e designa cada uma por seu nome. (Salmos 146, 4)*

O Ocidente cristão assistiu no século XIX ao surgimento de inúmeros novos movimentos religiosos em decorrência de diversos fatores, como o conhecimento de outras identidades religiosas do Oriente, América e África, o fim do monopólio religioso do clero e a crítica racionalista à religião em geral, entre outras implicações. De todo modo, os novos movimentos religiosos surgiram e continuam surgindo como ruptura ou continuidade (ou ambos) em relação às tradições religiosas precedentes. Pode-se perceber um espectro muito variado de manifestações no mundo ocidental (mas não só), que vão desde movimentos continuadores de ideais da cristandade (como os Arautos do Evangelho e Opus Dei no catolicismo² a diversas iniciativas protestantes³ e até mesmo pagãs de restaurar o que teria sido a religião purista e primitiva⁴) a movimentos de ruptura direta com as antigas estruturas instituídas. Contudo, sejam iniciativas restauradoras ou separatistas, elas reagem a uma grande tradição religiosa, seja para dinamizá-la, ou seja, para suprimi-la. Em todos os casos, porém, a motivação que anima tais manifestações surge da necessidade de preencher “lacunas” existentes no tecido religioso instituído, comum ou ordinário. Estas “lacunas” podem ser, por exemplo, diálogos que a grande tradição religiosa ocidental e cristã, portadora de uma identidade pré-moderna, não faz, em muitos aspectos, com o mundo moderno, gerando um hiato ou descompasso na comunicação entre as novas descobertas e a antiga catequese.

É neste sentido que queremos abordar aqui este *hiato dialógico* como ponto de partida para o surgimento de um novo movimento religioso no Brasil o fenômeno místico-milenarista do Vale do Amanhecer e o diálogo que ele realiza, a nível doutrinário, com a nova

2 O Catolicismo constitui-se como um fenômeno polissêmico que abriga sob o mesmo guarda-chuva teórico manifestações que variam do posicionamento político libertário ao conservador, iniciativas dinâmicas como RCC, Focolares, TLC, Cursilho, Comunhão e Libertação a outras introspectivas como TOV (Oficinas de Oração e Vida), Orientação e Vivência Sacramental, além das inúmeras pastorais sociais, culturais e religiosas.

3 Como as comunidades temáticas para surfistas, atletas, homossexuais, empresários etc. O caráter não centralizado do protestantismo favorece a criação de iniciativas específicas, como as igrejas “Bola de Neve”, “Cuspe Santo” e “Evangelho Pleno”, todas voltadas a determinados segmentos de fiéis. Enquanto as igrejas históricas debatem suas identidades por não conseguirem conciliar tendências divergentes como o catolicismo.

4 Não é apenas no cristianismo católico e protestante que encontramos referências a essas “restaurações” (por vezes sem laços com a realidade). Diversos grupos surgidos sobretudo na Europa e América do Norte pretendem retomar antigos cultos pagãos que desapareceram por diversos fatores a partir da expansão romana ainda antes da Idade Média. Um exemplo disto foi o templo recentemente inaugurado na Islândia para abrigar o antigo culto nórdico: <<http://www.curionautas.com.br/2015/02/islandia-construira-seu-primeiro-templo.html>>. Acesso em 10 Jul. 2015.

cosmologia pós copernicana, ainda não assimilada pelo cristianismo, mas já integrada pela sociedade como algo natural. Essa análise leva em conta a capacidade de interação simbólica das instituições e movimentos religiosos contemporâneos com a atualidade. Aqui queremos entender como este grupo específico articula um tema não abordado seja pelo catolicismo, seja por outros grupos tradicionais como o protestantismo e as religiões afro-indígenas.

1. O Vale do Amanhecer

*Uma é a claridade do sol, outra a claridade da lua e outra a claridade das estrelas;
e ainda uma estrela difere da outra na claridade. (I Coríntios 15, 41)*

A formação do Vale do Amanhecer, basicamente marcada por hibridismos, assimilações, sincretismos e dialogias é uma amostra de que mesmo as transformações trazem muitos aspectos de continuidade. Para falarmos do Vale é preciso falar antes de sua fundadora, Tia Neiva. Neiva Chaves Zelaya nasceu em Propriá, Sergipe, em 30 de outubro de 1925. Casou-se muito jovem e teve quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Durante a construção de Brasília, Neiva veio com sua família para a Região Centro-Oeste, onde acabou ficando viúva muito cedo e com as quatro crianças para cuidar, desenvolveu diferentes trabalhos para sustentar a família, sendo fotógrafa, motorista de ônibus e caminhoneira, fato notável até mesmo para os dias de hoje, chegando a possuir a própria frota de caminhões que alugava para as obras da construção da nova capital. Por volta de 1957, quando sua vida já estava relativamente estabilizada, Neiva passou a ouvir vozes e ver vultos. Assustada, procurou auxílio com seu pároco, pois as visões e sensações aumentavam a cada dia:

Mas, eu fiquei a ponto de me suicidar. Fui procurar o Padre Roque. O Padre Roque falou pra mim: “– Olha, você tá endemoniada menina! Você tá endemoniada menina! Olha, você não quer puxar uns tijolinhos aqui pra Igreja?” ... Eu falei: “– É, eu acho bom... Perfeitamente...” E fui. Mas cada dia era pior. Mas cada dia era pior. Os Espíritos subiam no caminhão, de todo jeito. Então eu fui procurar um Psiquiatra. (SOUZA, 2000, p. 55)

Mesmo com o auxílio da psiquiatria, nada foi diagnosticado, nem as experiências cessaram. No ano de 1958, por intermédio de Dona Neném, médium que iniciou Neiva na mediunidade, ela passou a conhecer o espiritismo kardecista, provavelmente depois de ter tido contato com a vertente umbandista que a marcou pelo resto da vida. Em 1959, passa a se comunicar com o espírito de Pai Seta Branca e vai residir em Alexânia, Goiás, onde funda a

União Espiritualista Seta Branca (UESB), na Serra do Ouro, quilômetro 73 da rodovia Brasília-Anápolis, destinada a ser um pronto-socorro espiritual para almas atribuladas. Naquela localidade, Tia Neiva, além do atendimento mediúnico, mantinha uma serralheria, fábrica de farinha, orfanato, farmácia, plantação de amendoim e uma pensão para os pacientes que não paravam de chegar.

Em 1964, após se separar de Mãe Neném, Neiva muda-se com alguns médiuns para Taguatinga, onde registra a entidade *Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã* e continua desenvolvendo trabalhos de assistência espiritual, os quais, entretanto, são encerrados pelo fato de o terreno onde eram realizadas as ações caritativas possuir litígios judiciais. É nesse período que Mário Sassi, relações-públicas da Universidade de Brasília, conhece a clarividente e passa a ser uma pessoa de especial relevância para o que virá a ser a doutrina, já que é pela lavra deste homem culto que as inspirações de Neiva serão organizadas tanto a nível de literatura quanto na estruturação da hierarquia do Vale. Assim, ocupam um terreno em Planaltina, DF, que havia sido a Fazenda Mestre D'Armas, e no dia 15 de novembro de 1969 instalam-se nele. É neste descampado que os adeptos usaram pela primeira vez o nome Vale do Amanhecer (sugerido por Sassi) e onde Tia Neiva permaneceu até falecer em 15 de novembro de 1985.

De forma breve, a narrativa doutrinária originou-se de um núcleo religioso católico-umbandista-kardecista com ênfase na religiosidade mística popular, substrato religioso que plasmou a cosmovisão da médium Tia Neiva. Outras contribuições religiosas também foram recebidas de correntes esotéricas da Nova Era, movimento no qual comumente o Vale do Amanhecer é também situado. Oriunda do catolicismo, mas tendo desenvolvido sua cultura religiosa com o auxílio de médiuns da Umbanda e do Kardecismo, Neiva assimilou doutrinas e práticas próprias de tais meios. A ênfase, contudo, repousa no Espiritismo Umbandista e Catolicismo mágico popular. A profusão litúrgico-religiosa pujante pode ser entendida pela particularidade da formação da cultura brasileira, como pontua o Prof. Antônio Mendonça:

A cultura brasileira tem três componentes muito claros: a cultura ibero-latino-católica, a indígena e a negra. A primeira não é representada pelo catolicismo tridentino, mas pela religião popular, folclórica e festiva legada pela tradição lusitana. Dessa mistura de culturas resultou um imaginário de um mundo composto por espíritos e demônios bons e maus, por poderes intermediários entre os homens e o sobrenatural por possessões. Trata-se de um mundo maniqueísta em que os poderes são classificáveis entre o bem e o mal e manipuláveis magicamente. O homem, por meio de agentes especiais, pode organizar este mundo de modo a obter

dele benefícios que não são permanentes, mas devem ser negociados no cotidiano. Merecem atenção constante. (MENDONÇA, 2008, p. 138)

Por isso, a ordem cósmica do Vale preserva elementos católicos como uma hierarquia celeste frequentemente invocada, trabalhos de intercessão pelas almas atribuladas, existência de uma situação espiritual chamada “Reino das Sombras” (semelhante ao Purgatório), símbolos do catolicismo popular. Elementos esotéricos da Nova Era também são encontrados em profusão: a mesma ordem cósmica celestial se funde a um Céu onde discos voadores e seus tripulantes cooperam com espíritos encarnados e desencarnados para promover o progresso e o bem da Humanidade; no plano celestial-espacial cavaleiros encontram-se em luta contra “bandidos do espaço”, seres de natureza espiritual e que procuram desestabilizar o equilíbrio planetário; o supremo governante do cosmos é Jesus, que se faz auxiliar por outros espíritos elevados, como Pai Seta Branca, entidade evoluída espiritualmente que em vidas passadas teria sido o santo católico Francisco de Assis e um cacique Inca, mas que hoje, além de comandar a frota estelar e os espíritos de luz (agrupados na Corrente Indiana do Espaço), também orienta espiritualmente a Doutrina do Vale do Amanhecer.

Mas o Vale do Amanhecer é entendido também dentro das referências culturais, ideológicas e econômicas que a construção de Brasília movimentou. Edificar uma cidade futurista em meio a uma região isolada representou naquele momento histórico, em primeiro lugar a afirmação do “gênio brasileiro” e o levantar-se da antiga colônia ibérica que guardava uma identidade indefinida diante das demais nações. Brasília foi entendida como uma refundação do *axis mundi* nacional, um evento *religioso* e *escatológico*, categorias centrais para a eclosão do Vale do Amanhecer enquanto fenômeno que procurou reorganizar fronteiras cosmológicas. A nova Capital mobilizou esforços de grandes dimensões e talvez tenha sido a principal realização coletiva do País no século XX, pois alterou não apenas a geografia ou o centro administrativo, mas também o imaginário nacional. Foi com a motivação religiosa da esperança que os trabalhadores candangos partiram para o sertão em busca do futuro anunciado. É por isso que a cidade monumental do Planalto será desde o primeiro momento a grande interlocutora com a cidade sagrada do Vale. É no esforço por recontar um mundo perdido e consolar os que foram excluídos existencial e geograficamente que a cosmogonia do Vale surge, ocupando espaços vazios de sentido e horizontes de sentido vazios de esperança.

2. A antiga e a nova cosmologia

Narram os céus a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. (Salmos 18, 2)

A religião judaico-cristã possui inúmeras ligações com o mundo extraterrestre, isto é, ao mundo celeste, com suas referências lunares, solares ou estelares, talvez por herança das antigas culturas astronômicas da Mesopotâmia. É nos céus que a Divindade habita e foi junto com a terra que ela criou o firmamento e as estrelas, segundo o relato de Gênesis 1, chamando-as de “luzeiros”. Deuteronômio alerta que “ao Senhor, teu Deus, pertencem os céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que nela se encontra” (10,14). A *kenosis* do Menino Deus é sinalizada por uma estrela que guia os magos (Mt. 2,2). Para o céu, onde estão seus exércitos angélicos, são levados os justos de Deus e é dos Céus, não da Terra, o Reino que Ele veio anunciar e para onde ascendeu depois de sua ressurreição. O livro do Apocalipse chega a narrar uma batalha cósmica e coloca na cabeça da Mulher uma coroa estelar quando ela enfrenta o dragão que varre a terça parte do firmamento. E em Apocalipse 22,16 Jesus chama-se a si próprio de “estrela radiosa da manhã”. Somente para a palavra “céus”, há cerca de 287 menções na Bíblia. Para a palavra “estrelas”, 53 e para “estrela”, 13 menções. “Sol” encontra cerca de 160 citações e “anjo” aproximadamente 300. Há, enfim, apenas na narrativa bíblica um trânsito intenso entre as coisas do céu e as da Terra. Para além disso, a Sagrada Tradição acumulou vasto repositório de referências celestiais, catalogando desde contato de eremitas com seres angélicos a milagres cósmicos envolvendo o Sol, as estrelas e a Lua. A própria astronomia alcançou notáveis avanços durante o período medieval e até o ciclo litúrgico do cristianismo obedece a uma lógica celeste. O firmamento, com todos os seus corpos celestes é, apenas, um indicativo da glória divina (Sl 18,2).

Entretanto, com exceção de alguns teólogos e pensadores cristãos, as novas descobertas após o Renascimento não foram incluídas no referencial teológico eclesial, embora não fosse difícil fazer tal aproximação. Talvez isso se deva ao fato de tanto a Igreja católica como as reformadas terem enfrentado diversos temas emergentes nos últimos cinco séculos e não tenham tido tempo para aprofundar a reflexão, de modo que as práticas de piedade de quase todos os grupos cristãos repousam sobre antigos costumes medievais, muitos dos quais questionados na contemporaneidade. Um grande número de pessoas brasileiras (sobretudo jovens) e estrangeiras procuram o Vale motivados, entre outras coisas, pela abordagem de temas cósmicos, que contrastam com as liturgias agrárias do cristianismo.

O que se percebe é que o poder de comunicação de antigos símbolos e conceitos não tem a mesma abrangência de antes em uma sociedade tecnológica e urbana como a atual.

Por muitos séculos o Ocidente (e por consequência a religião) entendeu a Terra como o centro do Universo ao qual se subordinavam os demais corpos celestes. Embora a esfericidade da Terra e até mesmo a medida de sua circunferência já fossem hipóteses aceitas⁵, ainda não se concebia o mundo como “mero” corpo celeste participando da dinâmica astronômica. A concepção de Universo seguia as formulações de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, com a Terra sendo envolta por outras esferas celestes (os Sete Céus) às quais as estrelas e planetas estariam grudadas. A centralidade terrestre só seria contestada por Nicolaus Copérnicus no século XVI e por Galileu Galilei no século XVII, que, ao precisarem que o centro do sistema seria o Sol, enfrentaram problemas com a Igreja. Por esse modelo, os planetas realizavam órbitas perfeitas em torno do astro, o que foi derrubado pelas observações de Johannes Kepler ao perceber a complexidade de muitas órbitas. Ainda no século XVII Isaac Newton formulou a lei da gravitação universal que tornou provável as teorias cosmológicas precedentes do movimento dos astros. O século XX seria o das grandes descobertas espaciais, com Albert Einstein propondo a Teoria da Relatividade (que forneceu a estrutura para uma dinâmica espacial do Universo) em 1917; com Alexander Friedmann e a contração e expansão do cosmos em 1922; com Edwin Hubble, que identificou o movimento das galáxias em 1929. Em 1927 e 1931 o padre Georges Lemaître postulou o que viria a ser a Teoria do *Big Bang*. Em 1965 Arno Penzias e Robert Woodrow Wilson detectaram, por meio da radiação isotópica, a antiguidade do Universo. Muitas outras descobertas ocorreram e colocaram a existência humana em uma escala ínfima diante do gigantismo do cosmos. Isso colocou várias questões para o autorreferenciamento humano. Inclusive religiosamente, pois a nova conformação não apenas questionava a antiga formulação cristã, como a restringia diante de dados científicos.

O cristianismo situava teologicamente a Humanidade como o ápice da criação e a Terra como o centro da realização divina. A Terra, obra-prima da Divindade era também onde ela “descansava os pés”, na expressão bíblica e a narrativa do Gênesis marcava o início da

5 Eratóstenes, no Egito, havia suposto e calculado a circunferência da Terra em cerca de 40.000 quilômetros, com relativa precisão no século III a.C., medida esta que foi utilizada, com algumas variações, por filósofos, matemáticos e geômetras antigos. No século I a.C. Alexandrino Estrabão cogitou a hipótese da circunavegação e supôs inclusive a existência de terras continentais entre a Ibéria e a Índia. No século II da Era Cristã, Claudio Ptolomeu apresentou a teoria que subordinava os demais corpos celestes à centralidade da Terra, entendida como esférica, que, então, seria o centro do sistema. Quanto à “teoria da Terra plana”, surgiu no século XVIII, no período Iluminista, como tentativa de desqualificar o pensamento medieval.

história do mundo. Os novos paradigmas obrigaram a religião a ter reações que variaram entre a interpretação fundamentalista (literal) dos textos sagrados à sua compreensão metafórica. Mesmo assim criou-se uma distância entre o que a coletividade professava e o que cria.

Renders (2015 a) liga as descobertas cosmológicas às mudanças na experiência religiosa e temporal. Para ele, a religiosidade pré-moderna favoreceu uma valorização do passado, estabilidade e continuidade, cujos rituais cíclicos e imutáveis garantiam a permanência da ordem sagrada (cf. RENDERS, 2015, p. 431). Com a mudança introduzida por Copérnicus na modernidade, a ênfase temporal se deslocou do passado para o futuro. Ao mesmo tempo desenvolveu-se uma compreensão não estática da realidade, com a possibilidade de mudanças, reformas, revoluções. Para Renders, na pós-modernidade as novas descobertas

(...) radicalizaram a sensação de estar no cosmo do ser humano. Ser parte de um cosmo composto por cerca de 100 bilhões de galáxias, em movimento, em aceleração, desafiou ainda mais a ideia da humanidade como coroa da criação e objetivo principal da criação do universo. Se a ênfase temporal da pré-modernidade foi o passado, e da temporalidade moderna o futuro, a pós-modernidade se caracteriza pela ênfase no presente [...]. Isso resulta em uma perda dupla: por um lado, das tradições, por outro lado, das utopias. (RENDERS, 2015 a, p. 436)

A mudança da concepção do espaço resultou na mudança da temporalidade e a mudança da relação com o passado e o futuro alterou a relação com o espaço. As distâncias são encurtadas e o tempo para a realização das tarefas é reduzido às mínimas possibilidades. Todas as coisas são fugazes: o estar, as sensações, até mesmo a própria existência. A tradição religiosa permanece ligada a ritos estáticos e ciclos rurais, pouco dialogando com a nova realidade⁶.

A divergência entre a cosmovisão pós-moderna e a mentalidade pré-moderna abriu espaço para novas possibilidades de pensar a transcendência a nível prático. Por tal espaço aberto, novos discursos sobre o além e o aquém se apresentaram utilizando categorias que, ausentes no tempo antigo, são compreendidas no novo tempo. Num primeiro momento a literatura de ficção científica serviu como canal para especulações e hipóteses acerca das reais capacidades humanas. Júlio Verne e outros escritores deram vida a projetos que no século

⁶ Mesmo que as práticas religiosas da tradição cristã sejam oriundas de períodos pré-modernos, elas são frequentemente ressignificadas por meio de hibridizações, realizadas pelos adeptos que conseguem conciliar símbolos, ritos e mitos da racionalidade antiga com a racionalidade atual, conforme apontou Guerriero em sua análise sobre o tema (GUERRIERO, 2009, p. 38).

XIX eram inexecutáveis, como uma viagem à Lua, ao centro da Terra, a outras galáxias ou em universos paralelos, por exemplo. Após a literatura, o cinema – considerado por Edgar Morin a “fábrica dos sonhos” (1975) –, também serviu como veículo para a expressão de grandes aventuras do espírito humano. George Méliés deu vida, em 1902, a uma película sobre o tema da façanha espacial lunar. Era a tentativa de estabelecer em bases icônicas novas possibilidades que se abriam para a Humanidade pós geocentrismo.

Foi assim que as narrativas da ficção científica apresentaram-se como mediadoras para as novas categorias religiosas que a vidente Tia Neiva trazia à tona em seu profetismo; para os candangos que vieram atraídos pelas promessas da cidade futurista, Neiva não poderia simplesmente profetizar usando categorias rurais. Por isto sua forma de ver e anunciar a outra realidade, que é uma narrativa de fronteira, se aproxima da ficção. O próprio Mário Sassi reconhece a importância gênero ficcional como recurso na expressão de realidades ainda não alcançadas pelas demais tradições religiosas, como a nova cosmologia, relatividade do tempo, vida em outros planetas, extraterrestres, outras dimensões da matéria, dentre outros:

Não parece lógico, portanto, pensar que as formas de vida, possíveis nesses outros mundos, devam ocorrer segundo conceitos de um dos menores dos mundos. Nesse sentido, a ficção científica é mais coerente que as concepções puramente científicas, que, aliás, são poucas. (SASSI, 1990, p. 26)

Em movimento contrário, grandes expressões religiosas como o Catolicismo e as Igrejas reformadas, tornavam-se mais e mais racionalizadas, formais e com pouco espaço para manifestações místicas, carismáticas e (por que não?) mágicas. Mesmo com algumas exceções representadas por novos grupos nascidos do incessante cisma do mundo protestante, as mais excêntricas iniciativas religiosas ainda manipulavam com maior ou menor destreza os mesmos símbolos comuns a toda a Igreja. No Brasil, como na América Latina, a onda de romanização ultramontana contribuiu para varrer o antigo catolicismo místico para a periferia da comunidade de fé, onde minguou pouco a pouco e pode reviver apenas alguns traços nas práticas mágicas da dramaturgia pentecostal. O mesmo processo racionalista já estava incutido nas Igrejas protestantes históricas que há séculos também estavam presentes (embora timidamente) na América, razão pela qual essas Igrejas, junto do Catolicismo, enfrentaram perda de fiéis para outros grupos religiosos que trabalham mais habilmente com as necessidades simbólicas e culturais da população⁷. Estes movimentos surgiram, no Brasil e

⁷ Embora também seja verdade que os novos grupos religiosos influenciam os antigos, para concordar com Silas

América Latina, incorporando preocupações que não estavam na grande pauta das Igrejas tradicionais: emoção, subjetividade, bem-estar pessoal, consciência ecológica e, como assinalamos acima, consciência cósmica.

3. A cosmologia do Vale do Amanhecer

*Quando levantares os olhos para o céu, e vires o sol, a lua, as estrelas,
e todo o exército dos céus, guarda-te de te prostrar diante deles
e de render um culto a esses astros, que o Senhor, teu Deus, deu como partilha
a todos os povos que vivem debaixo do céu. (Deuteronômio 4, 19)*

Os *novos* movimentos religiosos são assim chamados, evidentemente, pelo fato de serem entendidos sempre em relação aos *antigos* movimentos, dos quais, sob diversos aspectos, são uma espécie de continuidade, mesmo que essa continuidade ocorra em níveis conceituais elementares. No Brasil, cujo mundo religioso das matrizes africana, indígena e europeia impregnam a cultura popular com um catolicismo mágico (mesmo que não seja reconhecido ou até negado), movimentos como o Vale do Amanhecer e os pentecostalismos católico e protestante são “premiados”, no dizer de Moreira, para quem “nenhuma sociedade sobrevive sem um mínimo de fio condutor que a ligue a seu passado” (MOREIRA, 2008, p. 77). Por outro lado também é verdade que o passado pode ser um peso, especialmente passados tão “extensos” como o do catolicismo, que não apenas é pré-moderno, mas assenta-se sobre tradições da Idade Antiga. Deriva do peso de tão longa tradição certa perda de flexibilidade das estruturas, como vimos no caso da mudança cosmológica operada no Renascimento e que mais de cinco séculos depois ainda não foi integrada na cosmovisão cristã. Ou seja, há uma perda da capacidade de comunicação entre religião e sociedade.

Basta lembrar como a sociedade *de fora* das Igrejas olha para algumas de suas narrativas religiosas fundantes, com desconfiança ou incredulidade. Os novos movimentos religiosos procuram ser sensíveis a esta questão quando estabelecem suas narrativas segundo a lógica da pós-modernidade. No caso do Vale do Amanhecer vemos isso no relato da gênese da Humanidade, que procura se utilizar de elementos “científicos”. Tomemos como exemplo

Guerriero, segundo o qual “Por toda parte percebemos sinais de como o catolicismo, o pentecostalismo e outras religiões tradicionais da sociedade brasileira incorporaram elementos, ou até mesmo um *ethos*, da Nova Era. Trata-se de uma via de mão dupla, uma coisa híbrida, onde cada lado se interpenetra deixando suas marcas”. (GUERRIERO, 2009, p. 37)

a narrativa bíblica das origens e a narrativa da gênese do Amanhecer e a forma como elas são percebidas por pessoas sem maiores vínculos religiosos. A primeira narrativa, que é uma antiga sobreposição mitológica de diferentes civilizações, não parece formar um todo harmônico à primeira vista: o espaço é criado, mas o tempo já existe; o homem é feito de barro, mas a mulher é “emprestada” dele; a Divindade parece agir com improbidade administrativa permitindo que o casal tenha acesso à árvore nociva; a criatura serpente, além de falar, engana o casal primordial, que é expulso, mas a serpente não; sem mencionar como, os filhos de Adão e Eva casam-se com outras mulheres etc. É evidente que esta percepção desconfiada ocorre a partir de uma leitura direta. Na sociedade tecnológica do século XXI uma narrativa metafórica como a da Bíblia pode correr o risco de não ser percebida em toda a sua riqueza, como acontece até mesmo em círculos cristãos que a entendem de forma restrita.

A narrativa do Vale do Amanhecer, por outro lado, é percebida como acontecendo em um tempo e espaço primordiais determinados: há cerca de trinta mil anos no Planeta Capela, situado na Constelação do Cocheiro e entendido como o berço da Humanidade⁸, de onde um grupo de espíritos foi obrigado a passar por um período de evolução moral na Terra (onde tiveram seus corpos físicos plasmados por engenheiros espaciais) até poderem retornar. Embora seja evidente que esta narrativa retoma aspectos consagrados da alegoria bíblica (o Jardim, a criação, a queda, a redenção etc.), para um observador “leigo” que não perceberá a semelhança, esta narrativa não poderá ser também classificada como mitológica no sentido estrito. Há grandes chances de ser recebida como “mais coerente” que a metáfora do Éden (ao mesmo tempo em que pode associar perícopes como Dt. 4, 19 a civilizações extraterrestres).

À cosmovisão do Vale são associados elementos como viagens espaciais, planetas

⁸ Segundo a cosmogonia do Amanhecer, o primeiro dos grupos enviados na missão de preparar e colonizar a Terra foi o dos *Equitumans*. A eles coube dar os primeiros passos na transformação do orbe, realizando trabalhos geológicos, de alteração da flora e da fauna e da preparação de diversos requisitos para que a vida aqui fosse possível. Dois mil anos após, os *Equitumans* desviaram-se dos planos iniciais e caíram na desobediência, recusando-se a entrar em entendimento com Capela, deflagrando a intervenção com a belonave *Estrela Candente*, chefiada por Seta Branca. Como resultado do confronto restaram resquícios do conflito, como o Lago Titicaca nos Andes, onde caiu um dos disparos. Os espíritos que foram expulsos naquela ocasião se agruparam em falanges no Vale das Sombras e hoje combatem no plano espiritual o Vale do Amanhecer. Em substituição aos desterrados, Capela enviou em missão dois mil anos depois os *Tumuchys*, seres belos, longevos e centenários. A estes coube a harmonização energética do planeta e deles nos restam diversas evidências arqueológicas, como as pirâmides do Egito, as esculturas da Ilha de Páscoa, os grandes desenhos geométricos da América do Sul etc. Há cerca de vinte mil anos atrás, após a missão dos *Tumuchys*, finalmente foram enviados os *Jaguares*, povo que esteve na raiz das mais antigas civilizações conhecidas, tais como assírios, caldeus, medos, partas, gregos, romanos, chineses, maias, incas e astecas. Este povo ainda está na Terra completando sua evolução espiritual e pagando “dívidas cármicas”. Muitos *Jaguares* estiveram no evento histórico da escravidão luso-brasileira e se beneficiaram dos grandes sofrimentos recebidos como resgate de erros quando, em vidas passadas, como nobres, príncipes e guerreiros, fizeram outras pessoas sofrerem.

habitados, combates estelares, evolucionismo espiritual, comunicação com o além, descrição da vida após a morte, dentre outros, que se agregaram ao enredo mítico como reação a eventos contemporâneos à sua formação: era espacial, descobertas astronômicas, Guerra Fria, literatura e também cinema. Percepções próprias da ciência abundam nos escritos doutrinários e até mesmo os adeptos mais modestos associam a percepção de que a Humanidade habita o planeta de um sistema solar na periferia de uma dos bilhões de galáxias. O que havia criado um distanciamento entre religião (ao menos enquanto discurso fundante da natureza) e a ciência quanto à enunciação da realidade, foi incorporado de forma afirmativa. Restrito às antigas cosmovisões, o cristianismo muitas vezes retirou-se de diversos campos do conhecimento, levando a religião a ser associada a mitologias ou alegorias.

Seria a construção da primeira religião tecnológica e cosmológica?

Considerações finais

*Estrelas dos céus, bendizei o Senhor,
louvai-o e exaltai-o eternamente! (Daniel 3, 63)*

Muito foi discutido sobre a secularização, transposição da religião para espaços como a economia, turismo, lazer, culto ao corpo etc., como sendo consequências da perda de capacidade comunicativa das instituições tradicionais. Moreira (2008), por exemplo, assinala um acentuado deslocamento da religião institucionalizada para outras formas sociais agora eleitas como novos ritos religiosos, embora não ocorra com isso um declínio na participação da religião tradicional, como Berger (2000) constata com lucidez ao perceber que, a despeito do deslocamento dos eixos sagrados tradicionais, nem mesmo por isso a religião perdeu importância, mas, ao contrário, agora é percebida em espaços diferentes dos templos.

Quando os novos movimentos ocupam espaços vazios no discurso religioso, eles certamente atendem a questionamentos próprios de sua época e obrigam os movimentos antigos e estruturados a dialogarem com as novas propostas. A inclusão da nova cosmologia nas narrativas visuais e doutrinárias (como o Vale do Amanhecer faz em sua iconografia que utiliza elementos da ficção científica) é um recurso para melhor situar a temporalidade pós-moderna, que desloca a Humanidade do centro da criação e passa a compreender o Universo como uma realidade dinâmica e até mesmo a sociedade como estrutura flexível. As estrelas do céu não podem mais apenas bendizer ao Senhor, conforme a proposta “decorativa” de Daniel,

mas são requisitadas a integrar o imaginário do retorno ao Jardim.

Desta forma, na construção do fenômeno do Vale do Amanhecer parece ter permanecido como essencial a preocupação com um outro mundo possível (não só a nível imaginário), pois é esta a grande mensagem doutrinária que Tia Neiva enfatizou e fez representar por meio de narrativas cosmológicas e visuais, mas sobretudo pela esperança que a cultura cientificista apresentava em poder transformar a vida da Humanidade em uma existência mais digna. Tia Neiva sensibilizou-se com a realidade do povo sofrido que cavava a lama para sobreviver e quis que de alguma forma esse povo habitasse as estrelas.

Referências

- ARMOND, Edgar. *Os exilados de Capela*. São Paulo: FEB, 1959.
- BERGER, Peter. “A dessecularização do mundo: uma visão global”. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “A Crise das instituições tradicionais produtoras de sentido”. In: MOREIRA, A; ZICMAN, R. (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Secularização e reencantamento; emergência dos novos movimentos religiosos*. Boletim Informativo de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2003.
- CARVALHO, José Jorge. “O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade”. In: MOREIRA, Alberto e ZICMAN, Renée (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAVALCANTE, Carmen Luísa Chaves. *Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- _____. “Vilela e o kitsch do amanhecer”. In: *Revista Ângulo* (FATEA), 119, out. dez. de 2009, pp. 32-35.
- ELIADE, M. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva,

- FOX, M. *A vinda do Cristo cósmico: a cura da mãe terra e o surgimento de um renascimento global*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1995.
- GUERRIERO, Silas. “Novas configurações das religiões tradicionais: re-significação e influência do universo Nova Era”. In: *Revista TOMO*. São Cristóvão, SE - nº 14 jan./jun. 2009.
- KAZAGRANDE, Mestre. *O Centurião: Doutrina do Amanhecer*. Santa Cruz de la Sierra, Bolívia: Edição do Autor, 2011. 1ª Ed.
- MAIA, Cleiton Machado. *As técnicas xamânicas e o caso do xamanismo de Tia Neiva no Vale do Amanhecer*. S/l, Ed. do Autor: s/d.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. 2ª Ed.
- MOREIRA, Alberto da Silva. “O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea”. In: *Estudos de Religião*. Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008
- MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Trad. Antônio-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes editores, 1970.
- NEIVA, Tia. *Pequenas Histórias: Tiãozinho e Justininha*. Planaltina: Editora do Vale do Amanhecer, 1986.
- NETO, F. A. Bezerra. *Experiências de um leigo: diário de um aprendiz*. Crato: Edição do Autor, 2011.
- OLIVEIRA, Amurabi. Performance corpo e identidade: a imersão religiosa no Vale do Amanhecer. In: *Estudos de Religião*, v. 25, n. 41, 113-131, jul./dez. 2011.
- RENDERS, Helmut. “A experiência religiosa pós-moderna e o fenômeno da aceleração em comparação com as temporalidades pré-moderna e moderna”. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, vol. 13, no. 37, p. 428-445, Jan./Mar. 2015A.
- _____. “A tradução do livro católico *O coração do ser humano*, de J. E. Gossner (1812), pelo presbiteriano A. Jensen (1914): promoção de um imaginário católico ou sua releitura protestante?” In: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, SP, vol. 26, n. 43, p. 77-105 (jul./dez. 2012).
- _____. “Artefatos, imagens e logotipos como linguagens da religião: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultural visual religiosa brasileira.” In: NOGUEIRA, Paulo Augusto (org.). *Linguagens da religião 2*; São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. “Cristologia iconográfica: das suas linguagens imagéticas clássicas a uma expressão única latino-americana no fim do século 20”. In: *PLURA [ABHR]*, vol. 4, n. 2, p. 4-31 (jul. dez. 2013).1
- SASSI, Mário. *2000: Conjunção de Dois Planos*. Planaltina: Editora do Vale do Amanhecer, 1990

- _____ (org). *Minha vida, meus amores: autobiografia de Tia Neiva*. Editora Exílio do Jaguar: Santa Cruz de La Sierra, 2009.
- _____. *Sob os olhos da Clarividente*. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1990.
- SOUZA, Mestre Marco Antônio de. *Evangelho do Terceiro Milênio na voz de Koatay 108: transcrição das aulas de Tia Neiva*. Araguari: Edição do Autor, 2000.
- _____ (org). *Partida Evangélica com o Trino Tumuchy (Mestre Mário Sassi)*. Araguari: Edição do Autor, 2011.